



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

BERNARDO LIMA DE SENA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE EDUCADORES SOBRE O ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO**

MOSSORÓ

2017

BERNARDO LIMA DE SENA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE EDUCADORES SOBRE O ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialista em Atendimento Educacional Especializado.

Orientador: Prof. Me. Emanuel Freitas da Silva

MOSSORÓ

2017

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE EDUCADORES SOBRE O ATENDIMENTO
EDUCACIONAL ESPECIALIZADO**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialista em Atendimento Educacional Especializado.

Defendida em: 01/07/2017

BANCA EXAMINADORA

RESUMO

A presente investigação teve a finalidade de analisar as representações sociais de educadores da sala de aula comum de duas escolas do município de Lagoa d'Anta/RN sobre o Atendimento Educacional Especializado -AEE. Para embasarmos o caminhar da pesquisa como recurso teórico-metodológico nesta ação que buscava identificar os desenhos e imagens subjetivas de educadores sobre o Atendimento Educacional Especializado optamos pela escolha da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, sendo a pesquisa de natureza qualitativa, visto este tipo pesquisa ser apropriado aos estudos das representações que os sujeitos fazem no percurso de suas existências, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam. Como técnica para construção de dados nos utilizamos do instrumento da entrevista semiestruturada, sendo esta considerada uma ferramenta fundamental na prática da pesquisa psicossocial, consistindo também em uma prática de verificação científica, participando desta investigação dez sujeitos e seis possuem educandos com deficiência na sala de aula comum onde atuam. Todos os educadores afirmam que tiveram pouco contato com a temática da inclusão. Como resultado de nossa investigação percebe-se que uma das formas de construir novas representações, ocorre por meio do conhecimento e as formações continuadas dos educadores terão papel primordial na produção de novos desenhos que repercutirão em suas posturas que venham a superar estigmas e pensamentos excludentes o que irá contribuir para a inclusão de sujeitos com necessidades educacionais especiais.

Palavras-Chave: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS; PESQUISA EM EDUCAÇÃO; INCLUSÃO.

ABSTRACT

The present investigation had the purpose of analyzing the social representations of educators of the common classroom of two schools of the municipality of Lagoa d'Anta / RN on the Specialized Educational Assistance. In order to base the research as a theoretical and methodological resource in this action that sought to identify the subjective drawings and images of educators on Specialized Educational Attendance, we opted for the choice of Serge Moscovici's Theory of Social Representations, being qualitative research, since this type Research is appropriate to the studies of the representations that subjects make in the course of their existences, the way they construct their material artifacts and themselves, feel and think. As a technique for data construction, we use the instrument of the semi-structured interview, which is considered a fundamental tool in the practice of psychosocial research, also consisting of a practice of scientific verification, participating in these investigation ten subjects and six have students with disabilities in the classroom where they operate. All educators state that they had little contact with the issue of inclusion. As a result of our investigation it is noticed that one of the ways of constructing new representations occurs through knowledge and the continued formations of the educators will have a primordial role in the production of new drawings that will impact on their postures that overcome stigmas and excluding thoughts the Which will contribute to the inclusion of subjects with special educational needs.

Keywords: SOCIAL REPRESENTATIONS; RESEARCH IN EDUCATION; INCLUSION.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as representações sociais de educadores da sala de aula comum sobre o Atendimento Educacional Especializado. A importância deste trabalho decorre no momento em que passo a compreender enquanto educador-pesquisador que uma das formas de constituição da realidade ocorre através da investigação, da qual eu me implico a produzir interrogações e a procurar saídas. Daí a escolha do conteúdo de investigação desta pesquisa, que são as representações, pois entendo que estas são arquitetadas para elucidar ou envolver um acontecimento, um método ou um conjugado de elementos e ações, por meio de ideias, comparações, considerações. O pesquisador abstrai, retalha algumas representações expressivas da realidade a fim de pensá-las, investigando interconexão sistemática entre eles.

É importante salientar que este trabalho de pesquisa surgiu das minhas inquietações e dificuldades como especialista do público alvo do Atendimento Educacional Especializado - AEE nas escolas em que estou vinculado no município de Lagoa d'Anta/RN. Percebo como educador mergulhado nesse universo da educação inclusiva, que há a necessidade constante de pesquisarmos, de buscarmos resolver problemas que persistem e estão presentes no âmbito do Atendimento Educacional Especializado. Neste sentido, o entendimento da teoria consistiu de grande relevância para promover seriedade ao trabalho e foi arquitetada para procurar incluir diversas representações por meio de conceitos, bem como uma melhor compreensão de alguns aspectos que definiram os caminhos da investigação surgidos de minhas inquietudes e do anseio de desenvolver a minha pesquisa-intervenção através do que Becker (2015), institui como representação científica, que através de representações me permitiu a realização de verificações, leituras, elaboração de pressuposições e a constituição de um novo pensar.

É importante frisar que no município existem duas Salas de Recursos Multifuncionais, onde se oferecem este atendimento (01 sala na rede municipal e 01 da rede estadual de ensino). Em conversas e reuniões com educadores e gestores das escolas em que ocorrem estes atendimentos percebe-se dificuldades destes em compreender quem são os educandos que devem frequentar as salas de recursos e ter acesso ao atendimento. Muitas vezes me sentia pressionado a trabalhar a timidez do educando, a descobrir porque determinado educando em determinado ano escolar não conseguiu aprender a ler e a escrever, e são encaminhados casos de educandos considerados pelos educadores como hiperativos, disléxicos ou que deve ter uma deficiência cognitiva.

Nesse sentido, a escolha da temática partiu a partir de dificuldades como educador da Sala de Recursos Multifuncionais no enfrentamento destas questões e, com isso, do desejo de compreender quais as representações sociais que permeiam a subjetividade dos professores da sala de aula comum sobre o Atendimento Educacional Especializado. De acordo com a Resolução do CNE nº04 de 2009 o público-alvo do atendimento educacional especializado é alunos com deficiência, alunos com transtornos globais do desenvolvimento e alunos com altas habilidades/superdotação.

Coube nesta pesquisa enfocar nossa análise junto aos educadores sobre quais representações eles possuem do Atendimento Educacional Especializado, qual o público alvo desse atendimento e qual o papel do educador especializado para atuar na sala de recursos na ação escolar destes educandos que recebem este atendimento. Para isso, os objetivos específicos escolhidos para guiar o presente trabalho foram: identificar as representações sociais dos educadores sobre as salas de recursos multifuncionais para o Atendimento Educacional Especializado; perceber como os educadores da sala de aula comum representam o público alvo do Atendimento Educacional Especializado; e compreender quais representações estes possuem do educador especializado – AEE no processo de escolar dos educandos atendidos na Sala de Recursos Multifuncionais.

2 A PESQUISA: CAMINHOS PERCORRIDOS E RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO.

Para embasarmos o caminhar de nossa pesquisa decidimos como recurso teórico-metodológico nesta ação que buscava identificar os desenhos e imagens subjetivas de educadores sobre o Atendimento Educacional Especializado optamos pela escolha da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, em virtude deste conhecimento proporcionar um amplo potencial interpretativo para apreciação de dados do elemento de estudo, uma vez que é capaz de esclarecer os códigos de significações socialmente determinados, penetrado no grupo e compartilhado entre os sujeitos (LEFEVRE e LEFEVRE, 2010).

Para elaboração da teoria das representações sociais, contrapondo-se aos excessos de individualismo presentes na Psicologia Social, Moscovici (2012), buscou abrigo conceitual para as discussões que levaram à criação de sua teoria na sociologia durkheimiana, propondo uma estreita relação com suas representações coletivas. Para ele, a sociedade moderna tinha como principais características o pluralismo e a velocidade com que as mudanças ocorrem.

Conforme Serge Moscovici (2012), as Representações Sociais são uma união de considerações, teorias e esclarecimentos determinado na existência cotidiana dos sujeitos, nos movimentos de diálogos interpessoais. Nesse sentido a teoria das representações sociais compreende a difusão do conhecimento como uma troca, na qual experiências e teorias são modificadas qualitativamente, tanto em alcance como em conteúdo. Estas alterações acontecem através da comunicação que caracteriza, revela, decodifica os objetos sociais ou as representações de outros sujeitos. É nessa troca que se constituem as representações sociais dos sujeitos, que por sua vez, longe de serem maravilhadas e determinantes

As representações sociais são entes aproximadamente sensíveis que circulam, se atravessam e se tornam discursos*. A maioria das relações sociais, objetos determinados e consumidos, comunicações trocadas estão impregnadas delas. Como sabemos, correspondem, por um lado, a substância simbólica que entra na elaboração, e por outro lado, a prática que produz tal substância como a ciência ou os mitos corresponde a uma prática científica ou mítica (MOSCOVICI, 2012).

Compreendemos que a sua importância na produção desta pesquisa contribui no sentido de que, a Teoria das Representações Sociais elaborada por Serge Moscovici está em princípio ligada com os estudos dos signos produzidos no social e de como estes signos

*Segundo Orlandi, o discurso é palavra em movimento, uma prática de linguagem (2001, p.15).

passam a influenciar os conhecimentos compartilhados no cotidiano através das relações e trocas entre os sujeitos. Desse ponto de vista, entendemos que as representações sociais são substanciais para nas relações estabelecidas entre os sujeitos em determinada sociedade.

Partindo do entendimento de que as representações estão entre os sujeitos permitindo que estes se interrelacionem, Moscovici (2015) identificou dois processos geradores das representações sociais: ancoragem e objetivação. A ancoragem se refere ao processo que converte algo singular e estranho em nosso preceito peculiar do grupo e o acareia com a ideia de uma categoria que se pensa apropriada, ou seja, é trazido para o contexto do pessoal. Já a objetivação é encontrar a qualidade única de um conceito ou ser ambíguo, é reproduzir um conceito em uma imagem, é o instante em que alguma coisa emblemática se decompõe em algo concreto, cristalizando as ideias e tornando-as práticas no dia-a-dia. Segundo este autor (2015, p.78):

A ancoragem e objetivação, são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre tirando e colocando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

Outra autora que estuda a construção de representações sociais é Jodelet (2005), corroborando que essas representações estão evidentes entre nós e que as decorrências características do cotidiano, em que se manifestam os saberes e as práticas dos sujeitos, demanda uma compreensão de que o registro simbólico expressa não apenas um saber sobre a realidade, mas também sobre as identidades, as tradições e as culturas que dão forma a um modo de viver.

Nesse sentido, passamos aqui a compreender que as representações são propriedades de um determinado tempo histórico podendo serem aceitas e partilhadas em algumas épocas por determinados povos e culturas, não sendo modelos universais e nem verdades estáticas. Caracterizam-se assim como conjunto de ideias e crenças criados a partir de dados inscritos em determinadas culturas que servem de base para explicações de fenômenos que se dão no cotidiano, sendo estas explicações que permitem a construção das singularidades de determinados grupos sociais.

As representações sociais passam a ser entendidas como sistemas de interpretação que regem a relação dos sujeitos sociais com o mundo e com outros sujeitos possibilitando nossa comunicação e estas igualmente intervêm em processos muito variados quanto a difusão e assimilação dos conhecimentos, no progresso singular de cada sujeito e no grupo, na

demarcação das identidades individuais e sociais, nas manifestações das coletividades e nas mudanças sociais. Para esta autora, as representações sociais se caracterizam na forma como os sujeitos sociais passam a compreender os episódios do cotidiano sendo estas construídas pelos próprios sujeitos através da história (JODELET, 2001).

2.1 A arte da investigação

Esta investigação se caracterizou como de natureza qualitativa, visto este tipo pesquisa ser apropriado aos estudos das representações, crenças, das percepções e ideias, ou seja, das explicações que os sujeitos fazem no percurso de suas existências, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2008).

Conforme Albuquerque (2007), o valor da abordagem qualitativa para as pesquisas baseadas na Teoria das Representações Sociais se deve a seriedade oferecida às significações que os sujeitos conferem aos acontecimentos e passagens, consistindo sempre em objeto de apreensão do investigador capturar o ponto de vista dos participantes da pesquisa, ou seja, o modo como os sujeitos envolvidos enfrentam os assuntos focados na investigação.

Nesse sentido esta pesquisa buscou conhecer as representações de educadores de duas escolas da rede pública de ensino do município de Lagoa d'Anta/RN, que possuem sala de recursos multifuncionais, sobre o atendimento educacional especializado. Estas são as únicas que oferecem este serviço ao público-alvo do município, e destas, uma pertence à rede estadual e outra a rede municipal de ensino. É importante salientar que o atendimento educacional especializado no Brasil está previsto na Constituição de 1988 às pessoas com deficiência, para o que antes era definido como Educação Especial e todas as suas formas de intervenção.

Como técnica para construção de dados nos utilizamos do instrumento da entrevista semiestruturada, sendo esta considerada uma ferramenta fundamental na prática da pesquisa psicossocial, consistindo também em uma prática de verificação científica (BLEGER, 1998). Desta forma, a entrevista pode ser definida como um processo no qual interagem dois ou mais sujeitos através da comunicação. Conforme Martinez (citado por Rocha, Moreira e Boeckel, 2010), ao considerar que o sujeito se constitui como um ser em relação, inserido em um contexto, a entrevista oferece a oportunidade de analisar os intercâmbios ocorridos entre os sujeitos e o ambiente.

Para isso, ao nos apropriarmos desta ferramenta, foi essencial para a investigação que nós estivéssemos compassivos ao meio, que nos debruçássemos sobre a fala, o corpo, as afetações dos sujeitos entrevistados. Era preciso um olhar e uma escuta minuciosa sobre os discursos trazidos pelos entrevistados, pois só desta forma seria possível conhecer as representações trazidas por estes educadores. Os participantes desta investigação foram dez sujeitos. Dentre eles, seis possuem educandos com deficiência na sala de aula comum onde atuam. Todos os educadores afirmam que tiveram pouco contato com a temática da inclusão. O quadro abaixo mostra a formação e tempo de experiência dos profissionais entrevistados:

FORMAÇÃO E TEMPO DE ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO	
E1	Formação em Pedagogia e 09 anos de magistério
E2	Formação em História, especialização em Psicopedagogia e 19 anos de magistério
E3	Formação em Letras e 03 meses de magistério
E4	Formação em Pedagogia e 11 anos de magistério
E5	Formação em Pedagogia e 17 anos de magistério
E6	Formação em História, especialização em Psicopedagogia, mestrado em Educação e 20 anos de magistério
E7	Formação em História, especialização em Psicopedagogia e 22 anos de magistério
E8	Formação em Letras e 14 anos de magistério
E9	Formação em Pedagogia, mestrado em Ciências da Educação e 18 anos de magistério
E10	Formação em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia e 12 anos de magistério

2.2 Buscando Respostas.

Buscamos desvendar com esta investigação quais as representações dos educadores de duas escolas comuns sobre o atendimento educacional especializado que é oferecido pelas respectivas escolas das quais atuam como profissionais do magistério. As entrevistas foram analisadas para que nos fornecessem os desenhos, imagens e percepções construídas por estes profissionais sobre este serviço.

A falta de preparo para trabalhar com o público alvo aparece nos discursos e nas práticas cotidianos no contexto em que se encontram inseridos educadores-educandos nas escolas do município em que se deu esta pesquisa. Representados como ínfimos estes sujeitos

com deficiência, transtornos globais no ambiente escolar são postos à margem e, muitas vezes, não são considerados como humanos capazes de aprender.

A partir de narrativas construídas nas entrevistas apresentaremos a seguir representações e construções subjetivas ou a falta destas sobre o Atendimento Educacional Especializado desenvolvido nas salas de Recursos Multifuncional presentes nestas escolas em que estes profissionais atuam. O primeiro questionamento foi discutir quais representações estes possuem sobre a sala de recursos multifuncionais e qual a sua importância para a inclusão de educando com necessidades educacionais especiais. Para refletir sobre esta questão selecionamos as narrativas de quatro entrevistados desta pesquisa:

E1	“É um espaço aqui na escola onde se realiza atendimento especializado, é um atendimento que é dado a como um reforço à sala de aula normal, pois ajuda no desenvolvimento dos alunos especiais na sala de aula normal. Isso vai me ajudar com esse aluno, pois melhora seu aprendizado.”
E2	“É uma sala que fica disponibilizada nas escolas públicas com materiais e mobiliários pedagógicos para atender alunos especiais”
E3	“Conheço muito pouco, sei apesar de ter consciência que é de grande importância para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem de alunos especiais.”
E4	“Sei que é um espaço muito importante que atende as crianças com necessidades especiais, ajuda no desenvolvimento dessas pessoas.”

A partir do entendimento de que as representações sociais são regulamentos, quase visíveis e representadas através de ideias e que passam a circular no universo cotidiano dos sujeitos, constituindo uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de condutas e a informação entre os sujeitos (MOSCOVICI, 2013), percebemos que dentre as narrativas dos educadores participantes da pesquisa sobre a sala de recursos multifuncionais, este ambiente é percebido como representação de um espaço que é disponibilizado nas escolas como reforço à sala de aula comum, considerado um tipo de ajuda para aprimorar os estudos dos educandos “*especiais*”.

Conforme Oliveira (2004), o educador utiliza as representações como filtros interpretativos, e estas orientam demandas tais como a organização do trabalho pedagógico, idealização e elaboração das atividades, bem como as interações em sala de aula, ou seja, as representações materializam-se nas suas narrativas e práticas educativas que podem ser excludentes. É o que percebemos em nossa pesquisa através de observações das práticas cotidianas destas escolas das quais este educador- pesquisador atua nas salas de recursos

multifuncionais. Há a ausência de uma rede de saberes que possibilitem uma prática educativa inclusiva que venha a respeitar e atender as diferenças.

A Resolução n.4/2009, no Art. 5º especifica que o AEE deve ser promovido, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de comum, no turno inverso da escolarização, não sendo substituição das classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios.

Apesar do discurso sobre o Atendimento Educacional Especializado não ser uma coisa nova, as notícias de como este tem sido realizado são carregadas de dúvidas. Tal contexto pode ser analisado sob duas perspectivas: da escola especial e da escola comum. A escola especial, que também pode proporcionar o AEE, continuamente operou com o educando com necessidades educacionais especiais em um espaço que se distingue do espaço da escola comum. E a escola comum, por sua vez, estava acostumada a refletir a partir de uma linearidade diante da aprendizagem dos seus educandos que muito se distingue dos novos educandos que chegam até ela atualmente (BRAUN e VIANNA, 2011).

Para atuar no ambiente da escola comum com educandos com necessidades educacionais especiais, se exige novos desenhos para trabalhar com o processo escolar, configurações estas que precisam ser partilhadas por todos os ambientes que proporcionam o Atendimento Educacional Especializado, independentemente de sua caracterização. Assim, compreendemos que há uma necessidade de uma rede de saberes, na qual profissionais envolvidos com esses educandos, na sala de aula ou em outros ambientes da escola ou ainda no AEE, que pode acontecer fora de sua escola, precisam ter a condição de compartilhar os caminhos que são necessários para este educando explorar e interagir (BRAUN e VIANNA, 2011).

Entendemos que a natureza da escola comum e especial está lidando com transformações. Nela devemos rever suas representações sociais e práticas pedagógicas, e nesse sentido entendemos que o atendimento educacional especializado pode favorecer a partir de novas interações, através de um olhar diferenciado, para o surgimento de novas possibilidades de agir, concorrendo para a construção de uma nova realidade representacional que respeite as diferenças entre os sujeitos.

Um segundo aspecto analisado em nossa pesquisa se referia a quais representações estes profissionais participantes da pesquisa tinham do público alvo da sala de recursos multifuncionais para o atendimento educacional especializado. As reflexões se apresentam abaixo:

E1	“Não tenho muita certeza, não sei, só sei que o professor que atua nesta sala trabalha atividades com aluno com <i>necessidades especiais</i> . Pessoas que precisam que se tenha um cuidado maior e ”
E2	“São estudantes de escolas pública matriculados que sofre algum tipo de transtorno ou outra deficiência e que precisa de acompanhamento na sala de recursos.”
E3	“Não tenho conhecimento. Não vou conseguir te responder”
E4	“Não sei totalmente, preciso desta informação. Não tenho ideia realmente de quem são os alunos que devem frequentar esse atendimento.”
E5	“São pessoas com necessidades especiais. Crianças que tem dificuldade para aprender”
E6	“Na verdade, preciso saber mais, o que sabemos que é atendido alunos que apresentam dificuldades diversas que possam ser orientados nessa deficiência.”
E7	“Crianças especiais do município. É o que eu sei falar sobre, que são alunos especiais que vão ser acompanhado pelo professor da sala multifuncional. Ainda tenho dificuldade para entender sobre essa questão.”
E8	“Acredito que seja os alunos com necessidade especial, com alguma necessidade.”
E9	“Se destina a alunos portadores de deficiência física, mental, entre outros transtornos e habilidades. Penso que posso até estar equivocada, pois eu não chego a ter uma precisão exata dessa questão.”
E10	“São aqueles alunos que apresentam ou tem algum tipo de necessidade ou laudo que comprove que essa criança deve frequentar a sala.”

Nas representações sobre o público alvo do Atendimento Educacional Especializado - AEE, percebemos nas narrativas as dificuldades em definir por estes profissionais quais sujeitos devem frequentar esse espaço proporcionado na escola comum. Sabemos que estas representações influenciam no cotidiano, nas atitudes e imagens dos sujeitos sobre a realidade que os cerca, às quais estão vinculadas as suas práticas sociais dos sujeitos (MOSCOVICI, 2015).

Estes discursos nos permitem compreender as dificuldades dos educadores em buscar colaboração do educador especializado, pois se acredita em um trabalho separado e não em

conjunto para pensar possibilidades de práticas pedagógicas ativas que visem o desenvolvimento do educando, mas também sentimos no cotidiano que muitos educadores procuram soluções para comportamentos tidos como desviantes, inapropriados, acreditando que a sala de recursos seja um lugar pra resolver estas questões que ocorrem naquele espaço. Tudo que soa estranho às representações iniciais dos educadores, é enquadrado por estes como uma necessidade especial que deve ter um olhar “*especial*” e ser acompanhado pelo educador especial - AEE.

A questão necessidade especial é representada pelos educadores como todo comportamento provocador de estranhamento, onde alguns passam a acreditar na imagem curadora do atendimento, ou simplesmente entram numa zona de conforto acreditando que se àquele educando frequentar “*sala para especial*” as dificuldades enfrentadas na escola podem ser atribuídas ao próprio educando e não à prática pedagógica, entrando em um círculo vicioso, o próprio sujeito passa a ser representado como responsável por seu fracasso. Para entendermos quem é o público a resolução nº 04 de 2009 nos esclarece que são:

I – Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial.

II – Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação.

III – Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade. (BRASIL, 2009).

Nesse sentido, entendemos que a expansão a chegada de educandos com necessidades educacionais especiais como descritos na Resolução nº 04 de 2009, às salas de aula comuns demanda investimentos de diversas naturezas para assegurar também sua permanência, aqui representada como aprendizagem e desenvolvimento como nos afirma Prieto (2006). Assim, a formação continuada dos educadores deve ser uma obrigação dos sistemas de ensino, devendo estes assegurar que sejam aptos a elaborar e implantar propostas e práticas de ensino para responder às características de seus educandos, incluindo aquelas evidenciadas por aqueles com necessidades educacionais especiais (PRIETO, 2006).

Conforme Braun e Vianna (2011), os educadores da sala de aula comum precisam de uma visão de um trabalho com as diferenças, desenvolvendo um trabalho centrado no educando, com pedagogias ativas e conhecendo procedimentos específicos básicos em relação

aos educandos com necessidades educacionais especiais. E nesse sentido acreditamos no papel do professor especialista - AEE para trazer novas narrativas sobre o atendimento educacional especializado e o público a ser atendido, atuando assim, como um agente transformador de subjetividades podendo operar em conjunto produzindo novas representações do sujeito que chega ao ambiente escolar. Essas questões nos remetem a um último aspecto que desenvolvemos em nossa pesquisa. Este diz respeito às representações que os educadores têm do papel a ser desenvolvido pelo educador especializado - AEE no processo escolar dos educandos atendidos na Sala de Recursos Multifuncional.

E1	“Ele atua no reforço educacional, deve ter formação, conhecimento específico, especialização.”
E2	“Não sei responder.
E3	“Acredito que ajude no processo de ensino e aprendizagem desses alunos com necessidades especiais.”
E4	“Sei que este profissional é muito importante na escola, mas preciso saber um pouco mais sobre seu trabalho.
E5	“Tem uma grande importância no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais.”
E6	“Dando suporte para melhor aprendizado mesmo o aluno com suas limitações”
E7	“Atender as crianças especiais dando uma complementação”
E8	“Não tenho certeza da função desse profissional, tenho algumas ideias sobre, mas não confirmado.”
E9	“Penso que deve identificar as dificuldades e necessidades de cada aluno através de um plano bem elaborado para poder oferecer condições para a construção de novos conhecimentos.”
E10	“Primeiro tem que ter uma formação ou um conhecimento sobre esta sala, segundo, este profissional deve fazer um acompanhamento deste aluno para poder desenvolver suas tarefas para com o aluno, trabalhando para o aluno vencer suas dificuldades, através de um atendimento individual.”

Ao analisarmos os enunciados dos educadores, percebemos que estes entendem que o papel do educador especial - AEE está em participar do processo de ensino aprendizagem, identificar necessidade, realizar acompanhamento individual do educando, o que muitas vezes é representado por estes na prática cotidiana da escola comum como uma intervenção clínica, podendo ser percebido quando encaminham para atendimento educandos avaliados pela

escola como *tímidos, disléxicos, hiperativos, indisciplinados*, não conseguiram nos primeiros anos escolares aprender a ler e escrever ou que podem ter um tipo de *deficiência cognitiva*, solicitando assim, a intervenção do AEE.

Os educadores da sala de aula comum, por mais que tenham dificuldades em trazer algumas representações deste especialista, entendem que este desempenha uma função importante na inclusão de educandos com necessidades educacionais especiais. O educador-especialista, porém, como visto por alguns, não é um profissional que promove o reforço escolar e nem promove uma intervenção terapêutica/curativa, mas pode ser misturado com outros profissionais do atendimento clínico, ampliando suas bases conceituais para atuação na Sala de Recursos Multifuncional.

Recorremos a Mantoan (et al, 2010), para entender que na perspectiva da educação inclusiva o educador da educação especial deve estender suas atividades, de preferência nas escolas comuns, cabendo-lhes o atendimento educacional especializado aos educandos, público alvo da educação especial, atribuições como: identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos de acessibilidade, atendendo as necessidades específicas; reconhecer a habilidade e necessidades dos alunos e com base nesses dados elaborar um plano de atendimento; produção de materiais; elaborar e executar o plano de AEE; organizar o tipo e quantidade de atendimentos; Acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade da sala de aula comum e de outros espaços da escola; ensinar e usar recursos de tecnologias assistivas; e promover eventos, palestras e espaços para participação da família e a interface com serviços de saúde, assistência social dentre outros.

Nesse sentido, reconhecemos o papel dos cursos de formação pedagógica como possibilidade de pensar novas representações sociais sobre a inclusão de sujeitos com necessidades educacionais especiais nos espaços escolares comuns e a produção de novas práticas pedagógicas a partir de estudos de pesquisas e estudos científicos.

Assim, recorremos a Braun e Vianna (2011), quando estes nos possibilitam representar o Atendimento Educacional especializado – AEE, as Salas de Recursos Multifuncionais e o Plano de Atendimento Educacional Especializado como estratégias, lugares e ações que podem beneficiar a inclusão escolar de educandos com necessidades educacionais especiais, nos fazendo entender que a formação dos educadores com o desenvolvimento da autonomia e autoria profissionais é requisito básico para uma escola que

inclua todas as diferenças e promova a aprendizagem de todos. Para isso é preciso ter excelentes educadores, especialistas e investimentos em suas carreiras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa investigação foi caracterizada pelo desejo de compreender representações sociais de educadores sobre o atendimento educacional e sua importância na inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, e para isso foi preciso uma aproximação e produção de encontros e escuta destas narrativas nos espaços das duas escolas em que ocorreu a pesquisa.

Como educador da Sala de Recursos Multifuncionais nos deparávamos com situações em que éramos intimados a desenvolver atividades que, a nosso ver, não se caracterizava como pertinente ao Atendimento Educacional Especializado – AEE. Nossa busca para estas inquietações se deu através de uma análise teórica das representações sociais de Moscovici e outros teóricos que contribuíssem para fundamentação do trabalho.

Assim, através dessa pesquisa representações que o grupo de educadores tinha sobre o Atendimento Educacional Especializado que não condiziam com o proposto pela resolução nº 04 2009, estes vendo o AEE como um arrimo para realização de aula de reforço escolar dos educandos especiais e o educador especialista representado como um profissional que ajudaria estes nas tarefas produzidas pelo professor da Sala de aula comum. O educador do AEE também era representado como um profissional que poderia realizar atividades relacionadas a um atendimento clínico.

Percebemos com esta investigação uma ausência de investimentos na formação dos educadores deste município voltados à educação inclusiva que permitissem novas representações sobre o espaço da Sala de Recursos Multifuncional, das ações desenvolvidas no atendimento educacional especializado e do educador especial como um profissional de suma importância para produção de uma verdadeira inclusão no espaço da sala de aula comum.

Entendemos que a verdadeira *inclusão* aqui representada tem referência nas representações de Mantoan (2006), quando afirma que esta deve proporcionar a desigualdade de tratamento como forma de restabelecer uma igualdade que foi rompida por configurações segregadoras do ensino regular.

Entendendo que uma das formas de construir novas representações, ocorre por meio do conhecimento, sentimos que as formações continuadas dos educadores terão papel

primordial na produção de novas representações que repercutirão em suas posturas que venham a superar estigmas e pensamentos excludentes o que irá contribuir para a inclusão de sujeitos com necessidades educacionais especiais, assim, estabelecendo sociedade com o educador do AEE, através ações produzidas no espaço da Sala de Recursos Multifuncionais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. R. de. **Inclusão de alunos com deficiência nas representações sociais de suas professoras**. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação: Universidade Federal de Pernambuco (2007).

BATISTA, Cristina Abranches Mota. MANTOAN, Maria Tereza Egler. **Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional especializado na Educação Básica: modalidade Educação Especial**. Brasília, 2009.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica, **Resolução nº04**, de 02 de setembro de 2009.

BRAUN, Patrícia; VIANNA, Márcia Marin. **Atendimento educacional especializado, sala de recursos multifuncional e plano individualizado: desdobramentos de um fazer pedagógico**. Educação Especial e Inclusão Escolar: reflexões sobre o fazer pedagógico (23-34). Rio de Janeiro: Ed. da UFRRJ, 2011.

BECKER, Howard. Representações. In: **Segredos e Truques da Escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

Bleger, J. **Temas de psicologia: entrevistas e grupos**. São Paulo: Martins Fontes (1998).

CRUSOÉ; Nilma Margarida de Castro. **A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação**. APRENDER - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação - Vitória da Conquista, Ano II, n. 2, p. 105-114, 2004.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo; ALVES, Carla Barbosa; DE PAULO FERREIRA, Josimário. **Atendimento educacional especializado. Pessoa com Surdez**. Brasília/DF: SEESP/SEED/MEC, 2007.

DE SOUZA BRIDI, Fabiane Romano. **Formação continuada em educação especial: o atendimento educacional especializado**. Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 4, n. 7, p. 187-199, 2011.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **Pesquisa de representação social: Um enfoque qualiquantitativo**. Brasília: LíberLivro Editora, 2010.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. Representações sociais: um domínio em expansão. **As representações sociais**, p. 17-44, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér et al. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: a escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, v. 1, 2010.

_____. **Igualdade e diferenças na escola**: como andar no fio da navalha. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli; ARANTES, Valéria Amorim. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. Summus, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOREIRA, Geraldo E. MANRIQUE, Ana L. **Educação Inclusiva**: Representações Sociais de professores que ensinam Matemática. Poíesis Pedagógica, Catalão-GO, v.12, n.1, p. 127-149, jan/jun. 2014.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PRIETO, Rosângela Gavioli. **Atendimento escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais**: um olhar sobre as políticas de educação no Brasil. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli; ARANTES, Valéria Amorim. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. Summus, 2006.

SANTOS, M. F. S. **A Teoria das Representações Sociais**. In: SANTOS, M. F. S. e ALMEIDA, L. (Orgs). Diálogos com a teoria das representações sociais. Recife: Ed. Universitária da UFPE/Ed. Universitária da UFAL, (2005).

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua Imagem e seu Público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Representações Sociais**: investigações em Psicologia Social. 10 eds. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Saberes, imaginários e representações na educação especial**: a problemática da “diferença” e da exclusão social. Petrópolis, RJ: Vozes: 2004

PLETSCH, Márcia Denise. **Educação Especial e inclusão escolar**: uma radiografia do atendimento educacional especializado nas redes de ensino da Baixada Fluminense/RJ. Ciências Humanas e Sociais em Revista, v. 34, n. 1, p. 31-48, 2012.

ROCHA, K.B.; MOREIRA, M.C.; BOECKEL, M.G. **A entrevista e a visita domiciliar na prática do psicólogo comunitário**. In: Sarriera, J. C.; Saforcada, E (Orgs.). Introdução à Psicologia Comunitária. Sulina, 2010.